

O fator Julia Roberts e a epistemologia dos bolinhos de chuva da Tia Lina

Ainda antes de morar em Itaquí e São Borja e passar a amar o pão de erva doce sovadinho da Dona Fina (farei uma coluna sobre isso), eu gostava dos bolinhos de chuva da Tia Lina. O inverno era a estação ideal. O tempo dos bolinhos de chuva. Das enchentes que traziam a água do Jacuí para debaixo do assoalho da casa da Tia Lina. E de lá é que olhávamos a enchente. Somente as árvores mais altas escapavam da enchente no vargado. Os angicos e os cedros se esticavam para fora da água, servindo de resgate ao passaredo.

As galinhas eram recolhidas e os estábulos, interditados. Ninguém saía, ninguém entrava. A enchente encostava na estrada. Só de trator para passar. Na curva, no taquaral, encostavam canoas para ir até o paiol das casas mais abaixo, construídas em cima de grossos troncos. As famílias se mudavam para a parte de cima. Afinal, enchente acostuma.

E na casa da Tia Lina se reuniam os parentes. Com nada para fazer, jogavam cartas. E, no meio da tarde, os bolinhos de chuva. Feitos com massa de pão bem batida, tinham algo especial, talvez um leitinho a mais do que a massa para fazer pão. Banha de porco quente, os bolinhos eram atirados e logo boiavam. E sempre tinham uma pontinha, que ficava crocante. É que, ao serem jogados na fervura, o último pingão da massa fazia uma espécie de ganchinho. Devorávamos essas iguarias ainda quentes, segurando por essa pontinha. E, a magia se fazia. Aquele açúcar misturado com canela em pó contrastando com o marron do bolinho. Dava-se uma mordida e voltava-se a mergulhar o naco no prato de açúcar. Ao lado, uma caneca de lata com café preto. Coado na hora. Fumegante.

A primeira fritada se esgotava em instantes. Mais mãos que bolinhos. E lá se ouvia o fritar de outra rodada. Pedia para Tia Lina fazer um último bolinho com ganchinho mais longo. Produto da raspa. E deixá-lo amarronar mais do que os outros. Pronto: já as galinhas avisavam que era hora de voltar para casa. Talvez no dia seguinte tivesse mais. Dependeria do rio. Se mais enchesse, mas não demais, mais visita, mais bolinhos, mais café. Se baixasse depressa, menos festa.

O bom de tudo é que não era só a Tia Lina que sabia fazer bolinhos de chuva. Por dádiva, eu tinha também a tia Ana, gordatcha-excelente-cozinheira. E parentes entre si. Com esse dom de fazer bolinhos de chuva. Essa segunda Tia foi quem me salvou quando tive congestão por comer banana verde com leite. Saiu correndo comigo no colo e no caminho, ao pular uma valeta, devolvi ao mundo vasto mundo toda a impureza que me ameaçava. Brincalhona, ameaçava pegar o meu porquinho Bolão. Sim, eu tinha um porquinho de estimação. Bolão cochilava ao meu lado. E corria atrás de mim como se cãozinho fosse. Tia Ana queria pegá-lo. Eu, fugindo, pulei uma cerca e atirei Bolão para o outro lado. Chorando, pensei que Bolão havia rachado. Mas Tia Ana compensava. Com bolinhos de chuva. Com a opção do açúcar mascavo. Elas, as duas tias, sabiam fazer bolinhos de chuva.

Mas ouvi falar, de fonte seguríssima, que Julia Roberts até hoje não sabe fazer bolinhos de chuva. Que lástima. Minha Tia Lina perguntaria para a Julia, em alemão: “- *Julia, Schämmts Du dich nicht?*”. Traduzindo: Julia, tu não tens vergonha?